

quem vem à alma

Roberta Ferraz

À Lili

“Minha irmã, em mim tudo é triste. Passo dezembros na alma... Estou procurando não olhar para a janela... Sei que de lá se vêem, montes... Eu fui feliz para além dos montes, outrora... Eu era pequenina. Colhia flores todo o dia e antes de adormecer pedia que não mais tirassem... Não sei o que isto tem de irreparável que me dá vontade de chorar... Foi longe daqui que isto pôde ser... Quando virá o dia?...”

(Fernando Pessoa. *O Marinheiro*)

Abriu rapidamente a tampa do bule de café. Mas concentrada. Despeja um pouco dentro, a xícara desencaixada perfeitamente, dentro o prato pequeno que havia preparado ao descanso, sobre ele, a xícara. Levanta-a, levanta-se, até a porta, encosta-a. Um primeiro azedume. Agrava no quadro de vidro, vendo-se, as bochechas coçavam, porosas. Longe o dom dobrava pelos ventos, a varanda, o café esfriava. Muita distância. Pouco foco. Gostaria dele mais quente, se menina. A velhice assola gelo ao gosto, esfria o entorno das coisas, olhava ao largo. Pega agarrada a xícara pendente, toma de uma vez o líquido espesso, resquício pardo – sobe uma fumaça de cheiro forte, alísios da idade que ela relembra – fustigada – em bebê-lo frio, quase frio, uma fumacinha.

Dezembro ordinário naquele dia.

Ouve uma voz, Katarina que vinha do pomar. Naquele apartamento aposento, minúsculo, ainda sabia poder criar edifícios mirabolantes com a ajuda de Katá. Depois das últimas meias décadas percorria as dezoito horas com novas invenções: sentava-se, ela e a agregada. Katá cantarola, há música escada abaixo, aquele terreno, ele que não crescesse ou diminuísse, tamanho já não importa mais. Verticais eram apenas proporções e propensões, profundas. A moça passa gentil, atravessa, o lado de dentro do quarto, deseja-me bom dia, se o café estava de acordo. Todos os dias estava. De acordo. Levanto-me, sou, somente com maneiras, o dedo mindinho e uma olhadela, ela sabia então que ia frio, que tudo ia bem. De acordo. Porta o cobertor na altura dos joelhos,

horas seguintes viria oferecer o chá, as torradas, as flores. Um vaso novo para esta tarde, questionaria tudo, tudo sempre ótimo em suas mãos e timbre.

A mão treme leve, o café fica na xícara, não o engoliu todo, não desta vez, pendente sobre o pires, esparso. A mesa, madeiras ocas, não sustentaria os abusos daquela xícara, eu a derramá-lo, sem provocação, com cautela. Sem os óculos, Katá parecia-se um pouco menos razoável, madura verde, meninice. Volta-se para o líquido. Decide ignorar o barulho da cidade, sonha rusticamente a sua sesmaria. Eu também sei machucar, quem é que não sabe? Aquele que se ama. Olha mais uma vez, única, à menina. Faz forças, ignora o barulho, um assobio. A porta teima, abre-se. era o modo de Katá, de pronunciar-se. Do outro lado do quarto, ela.

Tem na mesa uma pedra grande, havia trazido de uma viagem, muito provavelmente ao Mato Grosso, provavelmente com o Mateus, e uma lâmpada que mostrava luz, quanta, necessária. Outra fotografia, os seus avós, a caneta esferográfica e um maço de papel carbono – o pai morara ali, jornais – um grampeador, um telefone sem tomada ou uso, uma dúzia de pastas de plástico que Antónia trouxera para que guardasse todas as suas *memoriazinhas*. Como se rotulasse ali um *escritório*. Uma escritura.

Neste entremeio de lugar, vê-se, pois, a permanência do despejo. Os objetos, tudo obliquamente solto e confundido, que tudo lembrasse Aurora de que tudo não fosse automaticamente feliz. Mas Katá dizia, *tudo*: a casinha de bonecas: Aurora, é neste instante que é a vida para. Apertou sem perceber aquela imagem, aquela viagem. Mateus. Mato Grosso. Os sinais do corpo encardido, as poças até chegar lá, as obtenções do corpo, as fugas da cidade, mais uma, só mais uma, última viagem, Mateus. A foto escurecia, ali, escancarada, o surpreendente era devido a isso: ninguém nela reparasse.

Depois dias depois retomou a xícara, remota. O café deste dia seria ótimo, quente, não outro dezembro ameno, desfecho-temperatura. Promessa. Era ainda a mesma xícara, a branquidão. Pela manhã que zelara, Antónia havia telefonado. Três reveses. Desculpa-se pela distância, culpa a distância, repele com sofreguidão, o tempo é que é arquipélago ínfimo, mares-tão-afetivos. Desliga sem que eu fale. Lá fora, da janela que era possível, avista um homem como azul celeste, ajusta tratar-se do novo pintor dos vizinhos, uma figura magra, adunca, uma rapidez. Katá atinada em seu quarto. O homem passa carregando nas dobras um saco de lixo, azul. Diz à Aurora tratar-se o novo da vizinhança, mas não, nada daquilo: profundamente arredia, talvez que não trabalhasse, que vadiasse como um amador: e riu dele. As seringueiras do Mato Grosso. Riu mais de

si, vexaminada no silêncio. No cio. Seria um viajante? Perdia família? Isolado que agora observa? Aurora percebe o radiante no rosto de Katarina: auroras, invejas. A cegueira diabólica daquele riso, ah, tudo era muito visível, exaustivo. Levanta o mindinho, Katá sai. A velha fica a acostumar-se com um órfão errante nas redondezas, uma aflição brotava desse contato – vê o vidro no teto – aquilo lhe soaria triste – pensa, pondera – abaixa o olhar, mas, se encorajasse, encorajasse o rapaz? Tanta cor. Quando não se controla, para seu pavor, imagina que ele pudesse roubá-la. Tinha paúra de que ele provocasse esta ideia nela. Paúra não. Desgosto. Nas têmeoras refugiadas, o dezembro. Soou a campainha. As duas aturdidas, Katá se adiante, promete-lhe – ávida e felina, feia – que descobriria o plano de nome do estranho, o convidaria a um tique de palavra e xícara, na tarde da próxima manhã, agradeceu. Ela tinha suas imposturas, Katá. Horas que não acometia. Aurora encomendou-se, pois. Amanhã. O quê mais? O que não se pronuncia. Como o nome daquele décimo terceiro viajante, coroadado ao lado dela e dos animais, apagando-se no retrato.

Estranheza a filha ligando, açoites de preocupação, que não houvera em anos. Estranheza esse ninho de olhares párias rondando a casa, dentro e fora. Estranheza o amarelamento das coisas, na memória dela, sentia a pujança de tudo. Com esforço, caminha. Apóia, caminha. Larga da janela as fotografias, a caneta esferográfica. Leve como um galhinho que quebra, as imagens sobrevivem à rua, caem da janela, tombam em plena exposição, dormentes no asfalto. Pornográfico. Talvez o homem. Ah, o horror. Sua mimeografia, talvez, ele, curioso, o horror, quer descer, apanhar, timidez de não poder, acatar, aceitar a velhice, decerto, o tempo, merda, explícita, explícita demais. Decreto.

Medo, gritava, miava: Katá, tudo pronto. Recuperadas as histórias proibitivas, as personagens, os segredos. Sujas e retomadas, estanques ali, do outro lado da porta, os despojos, o impossível, que se repete, se repete. Em todos. Fotográfico. A memória. Isto só no dia seguinte, tarde e noite passaram-se: agonia e relento. Quem olharia os traços de dois velhos em um retrato? Não eram velhos no retrato. Ela, tolhida, fronte amiudada na pose, ele buscando resgatar algum pássaro, olhos no não se pode onde. Não eram. As roupas antigas, uma coisa barata, sem efeito no mundo agora. Este trapo, estro, corpo. Com vontade, abriu o que pendia da janela e colocou no empurrão a pedra preta de Mato Grosso, fazia um tempo de gratuidades. Antes fossem gratidões.

Chama Katá, diz-lhe que Antónia. Katá nota estranhamente o vento estriado pelo quarto.

Já soubera, Katá responde. E afiança, *as outras amigas da senhora também*. Os antigos, eu li porque quis, chamavam de centauro e de outros nomes, esses, que queriam ser duas coisas, bicho e gente, feito Katá. Isso a gente não lê. *Antónia agora, minha filha, nas coisas dela*, Katá dizia, empinada. Está bem assim. Não é? *Tão comum, senhora, o que esperar?* E em sequência: *Não seja assim, a menina quer tempo livre, quer sair, faiscar, já está velha a menina. Não seja assim, cada um, coisa uma. Separações, aãh?* Era outra Katarina. Ensaiadíssima. No espelho veio a mordida hesitante.

Passara dias observando ser observada. O rapazote não viera, quase uma quinzena, Katá dizia o faz de conta com sonsice. Antónia havia vindo ontem, Katá não saberia mais dele, deve ter-se ido. Antónia não quisera muito, tomou bem bruscamente, não encostou na bolacha. Dizia finanças, todas as feiras de todas as coisas, tão importante, aqueles irmãos murmurando sumiços, os filhos, era de preocupar. Eu lentamente me parecia com ela. Num cuidado quase benigno, sorriu Aurora uns lábios. *Lentamente* fora a expressão magnífica que encontrara para sobrepujar Antónia. Quando lhe disse, essa fingiu que entendia e que não importava tanto, ora *mamãe*, continuou. No mesmo instante, acirra em Antónia a melancolia. Era essa a sua troca com a filha. O hábito, o conquistado. Agora era a vez dela de se parecer comigo, agora *ela sabe*. E houvera o flanêur – pensou Aurora, desviando-se do purgatório. Katá andando numa escoliose de tormentos, seduzida a esquecer-se dos cafés.

O como de se o enviado evitado voltasse.

Em prece: noturnamente, *não vem*, suplico, *não vem*. Quero-a nas noites, dormindo aqui. Relampeja, *aqui, aqui*. Que o senhor possa fazê-lo ficar ao largo dos longes de mim, que não venha em mesa branca ou cartas miudinhas o enviado. Salve. Suma.

É da espera que provém a perda?

Luto, reluta – é.

Passam dias. Chega uma remessa, vinda de algum ponto encantado do país. Está Katá escondida, em seus motivos, bestializava as mãos para um cinismo de me apoiar. Me agrava. Um envelope. Disse que não me concernia, o pacote era dela. E era. Eram seus assuntos. Não lhe levantei a mão e assim, como nunca, ela veio sentar-se, ao meu lado. Era tanto dezembro, neste aproximar-se, nesta revolução. Brusca, revolvi a mão, deixando ao chão todo o redor. Queria que me gravitassem Antónia, o futuro, o desconhecido, e ela. Era por tão pouco. Ficava tão indecente envelhecer assim, pedinte, roída por fazes-de-contas fezes-de-contas, ah, ordinário demais, impróprio para qualquer

história. Esta acomodação constante e contínua do negativo. O ir perdendo. As provas disso tudo. O amarelamento dos retratos. Não se reconhece mais. Quem?

Que me gravitassem. Ela com ardor. Para que neste gesto, tapasse com areias o enterro das sensações sentinelas. Estranhamente, ao invés do gesto, faço um barulho. Um ruído de quem existisse na dúvida. De meu gesto pendem as coisas da escrivaninha. Cai um papel velho com um número de telefone e um nome. Não estávamos em meu aposento. Mateus ou Mário, ignoramos. Ela não fez questão de ler. Terreno neutro. Katá e eu, instantâneas. O duelo das mulheres. O cutelo de soslaio. Katá, mais que minha filha. Katarina.

Revolvia o moço azul, cantaroláceo. Vejo que Katá treme. Ela se prepara, vai datar-me: ainda não. Vejo a sua boca fina, seu pulso fino, suas pernas chatas. Eu era mais bonita, peguei em sua mão. *Me diz, Katarina*. Ela fez como quem entoasse medalhas, se aprumou a buscar chás, torradas, vestígios, segurei-a. A força que havia. Apertei-lhe ainda. Ela levou dois dedos à cabeça, puxou parte do cabelo à frente, pegou minha outra mão que agarrada à pedra. Queria bater-lhe, nesta gentileza. Ela fazendo minha atenção girar para que me esquecesse da janela e, tocando-me nos ombros, simples, em contígua chegada para meu tumulto, fingindo uma brisa nesta torridez. Que eu mudasse de quarto, ouvisse os barulhos de São Paulo e aqueles gritos dos desajuizados. Que também, se me oferecesse para o aposento alaranjado!, teria ótimas melhorias. De onde ela tirava tamanha despesa de cuidados?

Encarei-a.

Um pouco, chorei-a.

Rapsódia da aflição, da filiação, da libação. Ela falou um nome. Agucei-me, o que era? Katá então se pôs nas pregas da janela, trancando o ensolarado espaço dos possíveis, fechando-a a mim, havia impaciência no molde de seu toque, fechando ríspida, deixava o quarto à lâmpada. Fria, *olha, Aurora, vou me casar*. Dizia-a, sentenciando punições, dulcíssima. Ela sabia que nisso tudo eu me perdia, planejava isso. Macerada, ela chorou, eu pararia já tinha um tempo. Ela, mais doce, mais antiga, reiniciava o casulo com seus troncos, vinha até mim, me debulhava, me definia, tentava a última ceia comigo. Eu definhava. Depois, novamente fria, *o médico vem vindo*. Julguei gargalhar, mas entendera perfeitamente. Fácil, o constante do espelho me fez sucumbir ante os fatos. Aurora era uma palavra nova em Katarina. *Lembra, Aurora, não faz mais dezembros. Eu disse, tentei tantas vezes, os dias não são mais... essa mania de dezembro, essa virtude*.

Queria dizer, esse *vício*, mas embutiu. Viu-me ao espelho e desta vez, foi solidária. Era uma palavra nova em Katarina. Ela se virou e saiu.

Levantei-me e, pés límpidos, outro dia, seguinte manhã, seqüela, cantando a melodia de Mateus, *baby, all seasons are the heart*. Ela parou, me olhou, branca como convém às moças da manhã. Achei um desperdício, de mau gosto, vir assim, bonita. Acenou um cumprimento e seguiu. Outra. A outra. Agora sei os anos que me desfiguraram.

Aurora prostrada àquela que se soltava. Mas eu sabia, e num breve isso, senti-me quarenta anos mais inocente e mais nova do que ela, vinguei-me com requinte, eu não tive planos, você sabe, essa era a minha vitória. As minhas estúpidas tolerâncias, uma coisa eu sei, ela não, jamais, pudera conduzir afora o que agora era só dor. Não lhe darei os signos competentes para que ela se lembre disso. Não sangrarei uma palavra.

Todo café esfriara. Julguei esse líquido negro no pires tombado, caia tudo nos meus pés, nos pés deliciados – voltava a virulência dos dias dentro d'água, os banhos de cachoeira em Mato Grosso, os cabelos roçados, todas as lambidas que já tive, agora esvoaçadas no grude frio daquele café debaixo das unhas. Um tufo imundo de pêlos brancos. Suja de café, momentaneamente, deixou que a vivacidade a consumisse e Katá era já um vago erro das horas. Que oportuno deleite ativar o esquecimento com as gotas do café gozando aquela flacidez.

Lembrei-me ser bom abrir a janela, escancarar que eu sabia de tudo. Que eu era virgem. Embaixo da escrivaninha, uma coleção de cutelos. Marchetados a ouro e grinalda. Modelo Nelson Rodrigues. Quando Antônia se lembrou de pedir-me, escondi-os ali, debaixo. Olhei agachada. O de cabos verdes, o cutelo angolano, aquela imagem antiga minha com eles nas mãos, debruçada, sexto andar. Prestes a deixá-lo.

Agora havia um homem nas ruas. Morrer por um *flanêur*. Ele ali emaranhado sob a árvore, apontando os dois cotovelos para mim. O que seria aquilo? Não consigo saber se ele ri. Nenhum outro movimento. Eu começaria a chorar se ficasse mais um instante perdida nele. De alguma maneira ele requeria minha presença, prolongava as atitudes: olhávamo-nos. Sem piedade.

Lembrei-me que Katá não havia me devolvido as fotos, mesmo recuperadas. Um mosquito desviava as minhas rugas, comia as veias, gostaria tanto de matá-los. Olhei-o, nunca como agora ele tragava os olhos, um corpo todo devoto, o meu. Cerquei-me de deslanchar a possibilidade de cegueira e assim, com mais intento, abandonei-me à escuridão do homem – um viajante órfão não seria cego, pensava Aurora. Mas de onde ele teria começado a existir? Simples assim, atravessa-se uma rua, pára a seguir uma mulher, chega-se à árvore aí fora e põe o mundo a me abandonar. Simples, assim? Era

dezembro em plena véspera. Katarina abriu e me viu, balançou os lábios tentando comigo uma indolência, ela era tão jovem, como são tolos os fingimentos dos jovens.

Traria café. Aurora, dois dias. Antónia já não quer mais. Ninguém quer mais.

Seu peito arfava um pouco, mas a gola era alta. Eu tentava triunfar salgando uma indiferença. Pedi a ela que me desse um cachorro. Disse-me que não seria saudável. Pedi de novo.

Amanhã eles vêm. Será muito agradável e aliás, eu sou muito jovem.

Era jovem, não muito. E *aliás* não era como eu gostava que me tratasse, ela bem sabia disso. Quanto amor derruído, e por quê? Os direitos ficam muito anacrônicos nesta situação, vê se compreende. E nem um cachorro. O flâneur era só dela.

Pensei ou cheguei a pensar que aquilo tudo não passasse de brincadeira, como encenamos muitas vezes o chá. A casinha. O avarandado. A história. E logo logo ela viria, um biscoito, um café quente, a repetição, o hábito, o conquistado. Logo logo a fotografia recuperada, as canetas em minhas mãos. Não: sobrava o sangue do mosquito nos pés, os pés descalços, o chão gelado a despia bem. Voltava a voz daquela que atraiçoa, voz-sacrílega, voz – *entendeu, Aurora. Nem Antónia. Para ela esta casa é mais um mosteiro morto.* Então as duas vinham se falando?

Desta vez, decididamente, achei melhor não ouvir mais nada. Concordei com tudo. As medalhas ainda estavam, o telefone ao chão, a cama aquecida, concordantes. Katá aguardou no fio da porta, quando saiu, cruzei os olhos para o sono e reencontrei o moço das estradas.

Na manhã seguinte – pronta, de vestido, casaco, chapéu. Katá, pasma. Eu mesma abri a porta ao meu desconhecido Dr. Chagas. Centúrio Chagas, apertou mais que o devido, as minhas mãos. Eu precisava ser ágil para escapar destas condolências. Paletó azul e chapéu-de-praia-cor-de-rosa, considerei que desconfiariam do meu bom-senso. Não era só vestido, ora essas. Eu é que não daria trabalho ao circo. Fresca, entrei naquele carro. No caminho, adormeci. No fundo da casa, o apartamento compunha vozes, acho que falavam de finanças e boicotes e desvantagens. Não era a voz de Mateus, não fosse. O Dr. Chagas muito íntimo do resto da família, ele ainda sorria para mim. Ainda bem, eu me estimava. O cetim era atado com cordas grossas verde-musgo. Desenhei todo o fim, já que não havia mais escolha. Não era ardil, era escape.

Quando chegássemos e eu fosse forçada a sair do apartamento, estaria pronta, dizendo em bom som a minha simpatia à cor verde. Aleatório, a esmo. E elencando uma série trágica ao azul. Bem divertida. Eles ficariam estupefatos, se veriam fazendo a coisa certa, dormiriam em paz. Era isso. Não me muda em nada eles terem de aparentar

cuidados confessionais quando a cena, sabe-se, não passa de comércio, qualquer. Abri a boca, larga, mostrei-lhe todo o café preto boiando na goela. Quem diz o quê aqui? Eu, Aurora. E que Katá fosse pro espaço. O Dr. Chagas não seria capaz de me surpreender. E veio uma inundação aromática de um café recém-saído. Escapes. E esse condizia à ocasião. Saboreei não existir mais ninguém no mundo. Levei apenas o vestido e o retrato, engomado dentro do corpo. O retrato da janela, o que ficasse perdido em algum vôo. Mato Grosso, Mato Grosso. Tempo de escarpas.



Desfiladeiro

Roberta Ferraz

RJ: Oficina Raquel, 2011

www.oficinaraquel.com.br

O texto “quem vem à alma” integra o livro **desfiladeiro**, publicado no RJ pela Ed. Oficina Raquel, 2011.

Roberta Ferraz, (escritora, SP, 1980) publicou *desfiladeiro* (2003, Ed. Nativa – esgotado); *lacrimatórios, enócoas* (2009, Ed. Oficina Raquel; livro vencedor do Prêmio Nascente USP/2008); *Dioniso e Ariadne* (2010, edição da autora); *fio, fenda, falésia* (2010, edição das autoras| ProAc 2009) e *desfiladeiro* (2011, Ed. Oficina Raquel). Escreve no blog **elêusis** [www.eleusiana.blogspot.com]